



**ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO, EM PORTUGUÊS COMO SEGUNDA  
LÍNGUA, PARA CRIANÇAS SURDAS: UM ESTUDO SOBRE ESTRATÉGIAS  
DIDÁTICAS PEDAGÓGICAS**

**LAVRAS – MG  
2023**

LÍGIA APARECIDA REZENDE DINIZ DE CARVALHO  
STHEFANI ARAÚJO SANTOS

**ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO, EM PORTUGUÊS COMO SEGUNDA  
LÍNGUA, PARA CRIANÇAS SURDAS: UM ESTUDO SOBRE ESTRATÉGIAS  
DIDÁTICAS PEDAGÓGICAS**

Trabalho de Conclusão de Curso  
apresentado à Universidade Federal de  
Lavras, como parte das exigências do Curso  
de Pedagogia, para a obtenção do título  
Licenciatura.

Orientadora: Dra. Josiane Marques da Costa

**LAVRAS – MG  
2023**

## **Alfabetização e Letramento, em português como segunda língua, para crianças surdas: um estudo sobre estratégias didáticas pedagógicas**

Lígia Aparecida Rezende Diniz de Carvalho (UFLA)<sup>1</sup>

Sthefani Araújo Santos (UFLA)<sup>2</sup>

Josiane Marques da Costa (UFLA)<sup>3</sup>

### **RESUMO**

A Língua de Sinais Brasileira é considerada a primeira língua da comunidade surda brasileira. Já a língua portuguesa, na modalidade escrita, é a segunda língua para essa comunidade. Com isso, as crianças surdas adquirem a Libras como primeira língua e aprendem a ler e escrever os textos que circulam socialmente em português como segunda língua. Nesse sentido, tendo como intuito destacar a importância dessa temática, o presente estudo tem como objetivo investigar as práticas e estratégias pedagógicas utilizadas no processo de alfabetização e letramento, em português escrito, para crianças surdas. Para alcançar os objetivos propostos realizamos uma pesquisa qualitativa e bibliográfica, com o intuito de identificar, em trabalhos científicos, as estratégias e práticas pedagógicas utilizadas no processo de alfabetização de crianças surdas. Sendo assim, inicialmente pesquisamos trabalhos científicos (artigos, dissertações e teses) produzidos entre os anos de 2006 a 2022, nos bancos de dados do Scielo, CAPES e Google Acadêmico. Na pesquisa, utilizamos as seguintes palavras-chave: surdos, letramento, alfabetização, português e as práticas de alfabetização. Após a investigação nos bancos de dados identificados 16 (dezesseis) trabalhos com a temática sobre alfabetização e letramento para alunos surdos, desses selecionamos 6 para análise. Os resultados das pesquisas analisadas demonstram que quando recursos visuais e metodologia de ensino de segunda língua são empregados no processo de alfabetização, as crianças surdas apresentam maior desempenho na aprendizagem da leitura e da escrita em português como segunda língua.

Palavras-chave: Surdos, Letramento, Alfabetização, Português e as Práticas de Alfabetização.

---

<sup>1</sup> Estudante de graduação em Pedagogia (e-mail: ligia.diniz1@estudante.ufla.br)

<sup>2</sup> Estudante de graduação em Pedagogia (e-mail: sthefani.santos@estudante.ufla.br)

<sup>3</sup> Orientadora (e-mail: josiane.costa@ufla.br)

## 1 - INTRODUÇÃO

Atualmente, a educação de crianças surdas vem sendo pesquisada e discutida no campo do ensino. Embora algumas pesquisas direcionam o olhar para o ensino da língua portuguesa e para a alfabetização e letramento em português para crianças surdas, ainda é possível observar de mais estudos que descrevam as práticas pedagógicas utilizadas, por professores, para tal ensino, sobretudo na educação infantil, onde o processo de alfabetização é iniciado.

A Língua de Sinais Brasileira (Libras), língua utilizada pela comunidade surda brasileira, é, assim como outras línguas de sinais, uma língua natural e de modalidade espaço-visual. Sendo assim, essas pessoas têm uma forma de compreender o mundo por meio da visão, diferentemente das pessoas ouvintes que utilizam uma língua oral-auditiva e, portanto, têm uma forma de compreensão por meio do canal perceptual da audição.

A Libras foi reconhecida como língua da comunidade surda brasileira por meio da Lei 10.436/02, também conhecida como “Lei da Libras” e do Decreto 5626/05. Essas legislações vêm apontando para o ensino da modalidade escrita da língua portuguesa acontecer em ambiente bilíngue e como segunda língua.

Diante disso, considerando que a língua portuguesa é a segunda língua da comunidade surda e a Libras a primeira língua, observa-se a importância dos resultados de pesquisas que apontam estratégias para a alfabetização e o letramento de crianças surdas, já que estas estratégias devem levar em consideração uma alfabetização que contemple o caráter visual da língua de sinais e não o oral-auditivo, como ocorre no processo de crianças ouvintes. Isso porque as metodologias para o ensino da leitura e da escrita, em português para surdos, devem ser diferentes daquelas utilizadas para o ensino de crianças ouvintes, dada a modalidade da língua.

A partir dessas premissas, apresentamos a seguinte pergunta de pesquisa: Quais as estratégias utilizadas no processo da alfabetização e letramento de crianças surdas? Embora pareça uma pergunta simples, tal questionamento é de fundamental relevância para nos levar à compreensão das técnicas e estratégias utilizadas nesse processo do português escrito, como segunda língua, para crianças surdas.

Nesse sentido, o presente trabalho tem como objetivo investigar as práticas e estratégias pedagógicas utilizadas para o ensino da língua portuguesa escrita para

crianças surdas. Já os objetivos específicos são: (i) discutir sobre a importância da aquisição da Libras como primeira língua, para a aprendizagem da língua portuguesa como segunda língua; (ii) compreender as implicações dos modelos educacionais para a alfabetização e letramento, em segunda língua, para crianças surdas; (iii) identificar e analisar, em pesquisas científicas, as estratégias utilizadas pelos professores para ensinar português como segunda língua para crianças surdas.

Para alcançar os objetivos propostos, a metodologia utilizada foi bibliográfica com abordagem qualitativa. Inicialmente, realizamos pesquisas em vários bancos de dados, tais como Scielo, Google Acadêmico e CAPES em buscas de estudos e relatórios de pesquisas entre os anos de 2006 a 2022. Em seguida, selecionamos as pesquisas que continham estratégias para a alfabetização e letramento, em português como segunda língua para surdos, a fim de analisá-las.

O trabalho foi organizado da seguinte forma: inicialmente discutimos sobre a importância da aquisição da língua de sinais por crianças surdas e acerca da alfabetização e letramento, em português como segunda língua, para crianças surdas. Em seguida, apresentamos a metodologia do trabalho e, por fim, os dados e a discussão destes.

## **2 - REFERENCIAL TEÓRICO**

### **2.1 - A importância da aquisição da língua de sinais por crianças surdas**

A seguir apresentaremos a importância da aquisição da língua de sinais, por crianças surdas, discutindo as características de uma língua espaço-visual e suas diferenças em relação às línguas orais auditivas e apresentado as fases da aquisição da linguagem, por crianças surdas.

Desde 1960, com o trabalho de Stokoe (1960), as línguas de sinais começaram a ser estudadas e reconhecidas como línguas das comunidades surdas espalhadas pelo mundo. Stokoe comprovou o *status* linguístico da Língua Americana de Sinais, demonstrando que, assim como as línguas orais, estas também eram regidas por regras gramaticais e não se tratava de mímica ou gestos, mas sim de uma língua natural, espaço-visual, utilizada pelas pessoas surdas. Com isso, a partir do estudo deste

pesquisador, vários outros, tanto no campo da linguística, quanto no campo da literatura, começaram a surgir.

No Brasil, as pesquisas sobre a Língua de Sinais tiveram início na década de 80 e os estudos sobre a aquisição se deu nos anos 90. Nesse período, houve uma intensificação nos estudos sobre as diferenças e semelhanças entre a língua de sinais e a língua falada, com o intuito de trazer mais informações para a língua e *status* para a Libras.

Segundo Lyons (1981, p.252) adquirir uma língua trata-se do “processo que resulta no conhecimento da língua nativa”, já que a aquisição de uma língua acontece de forma natural. Considerando essa afirmação, é importante destacar as diferenças entre as modalidades das línguas e o contexto de aquisição da língua de sinais, por crianças surdas. Estudos sobre a aquisição da linguagem por crianças surdas revelam que 95%, que nascem em famílias de pais ouvintes, têm uma aquisição da linguagem tardia (QUADROS, 1997). Sendo assim, apenas 5% das crianças surdas que nascem nas famílias de pais surdos adquirem, em tempo adequado e em contato com seus pais, a língua de sinais.

Nesse sentido, segundo destaca Quadros e Cruz (2010), as pesquisas sobre aquisição da linguagem eram realizadas apenas com crianças surdas filhas de pais surdos, mas devido ao pequeno número de participantes, as pesquisas começaram a ser ampliadas também com a participação de crianças surdas filhas de pais ouvintes. Os resultados dessas pesquisas demonstram que era notória a aquisição da língua de sinais ocorrer de forma tardia em crianças surdas filhas de pais ouvintes, já que estes demoravam apresentar a língua de sinais para seus filhos surdos.

Quadros e Cruz (2010) explicam que isso acontece devido à interferência do contexto linguístico em que a criança surda está inserida no momento da aquisição da linguagem. Segundo as autoras, o processo de aquisição da língua de sinais acontece mais naturalmente quando estas são filhas de pais surdos e interagem com seus pares.

Em estudos sobre aquisição da língua de sinais realizados com crianças surdas, filhos de pais surdos, os pesquisadores observam que estas passam pelas mesmas fases de aquisição da língua oral que a criança ouvinte passa (QUADROS, 1997; KARNOPP, 2005, entre outros).

Segundo Karnopp (2005, p. 1), as fases da aquisição da língua de sinais podem ser divididas em dois períodos: o período pré-linguístico e o período linguístico. O

primeiro período inicia desde o nascimento da criança até o início dos primeiros sinais. No período pré-linguístico, tanto a criança ouvinte quanto a criança surda perpassam pela fase do balbucio. A diferença, de acordo com Karnopp (2005) é que os bebês surdos desenvolvem o balbucio manual (produções manuais, corporais e faciais) e pelo uso dos apontamentos. Além disso, a autora ressalta que o *input* visual, tais como o contato visual com os pais, o uso de expressões corporais e faciais é de fundamental importância para os bebês surdos, pois este auxiliará em todo o processo de aquisição da língua de sinais

O segundo período da aquisição da linguagem, apresentado por Karnopp (2005) é o linguístico. O período linguístico é dividido em dois estágios: enunciados de um sinal e enunciados de dois sinais e estágios posteriores do desenvolvimento linguístico.

O estágio “enunciados de um sinal” começa por volta dos 10 meses de idade. Nessa fase, a criança surda mostra, segura, observa e toca os objetos e sem contar que imita os sinais produzidos pelos outros, mas ainda sem todos os parâmetros que formam o sinal (QUADROS, 1997; KARNOPP, 2005). Além disso, Karnopp (2005) explica que nessa fase, estudos da aquisição da linguagem, realizados com crianças surdas, têm apontado que os bebês iniciam balbuciando com as mãos, em seguida começam a produzir os primeiros sinais com significados, e posteriormente combinam vários sinais formando sentenças.

Já no segundo estágio, enunciados de dois sinais e estágios posteriores do desenvolvimento linguístico, as primeiras combinações dos sinais surgem pelos 2 anos de idade. Nesse estágio, as crianças utilizam a língua de sinais para pedir, chamar atenção e reclamar, por exemplo (QUADROS, 1997; KARNOPP, 2005). Além disso, estas começam a combinar dois sinais, dando atenção para a ordem dos sinais, como por exemplo, para a combinação do verbo-objeto. Segundo Karnopp, nessa fase é importante que a criança esteja em interação com pessoas fluentes em língua de sinais, pois ela começará a observar as regras da língua de sinais.

Os estágios posteriores do desenvolvimento linguístico têm início aos 2 anos e seis meses. Karnopp (2005) explica que, nessa fase, as crianças desenvolvem uma explosão de vocabulário, já que começa a adquirir vários sinais em língua de sinais e, com isso, combinar esses sinais de forma complexa, formando frases completas com as regras da língua de sinais.

A partir dessas discussões acerca da aquisição da linguagem por crianças surdas é possível chegar em algumas conclusões: (i) assim como as crianças ouvintes adquirem a língua oral auditiva, as crianças surdas também são capazes de adquirir a língua de sinais, se estas tiverem o input adequado (visual); (ii) o processo de aquisição da linguagem tem início com as interações realizadas no âmbito familiar. Dessa forma, a maioria das crianças surdas têm uma aquisição tardia da língua de sinais, já que estas nascem em famílias de pais ouvintes e tendem a passar por tratamentos e oralização, ao invés de terem acesso à língua de sinais e ao input visual adequado; (iii) há uma grande necessidade em se pesquisar como ocorre a aquisição da língua de sinais, de forma tardia, por crianças surdas e como essa aquisição tardia pode afetar a aprendizagem da segunda língua escrita.

A seguir explicaremos, com base em reflexões teóricas e autores, acerca da alfabetização e letramento, em português como segunda língua para crianças surdas e discutiremos como a aquisição da língua de sinais pode trazer benefícios para esse processo de aprendizagem.

## **2.2 - Alfabetização e letramento, em português como segunda língua, para crianças surdas**

A história da educação das pessoas surdas é marcada por três filosofias educacionais que direcionaram as metodologias utilizadas na educação dos surdos: o oralismo, a comunicação total e o bilinguismo. A seguir discutiremos cada uma dessas filosofias e metodologias utilizadas na educação das pessoas surdas, ao longo do tempo e atualmente.

A filosofia do oralismo foi defendida em âmbito internacional no Congresso Internacional de Educação de Surdos em Milão, na Itália. Segundo Goldfeld (2003), a concepção dessa filosofia estava pautada na reabilitação da fala e, portanto, no uso das línguas orais. Assim, as línguas de sinais passaram a ser proibidas nos institutos de educação de pessoas surdas, dando lugar somente para o treino da fala, que acontecia por meio de repetições mecânicas de algumas palavras. Dessa maneira, a metodologia utilizada no oralismo tem como ideia principal a ministração de aulas e ensino por meio da oralidade, ou seja, o surdo precisa fazer uso da língua oral auditiva para se

comunicar, forçando a “reparação” da fala como forma de trazer novamente a criança surda para a comunidade ouvinte.

Em sequência, após grande insatisfação de alguns educadores com a filosofia oralista, surge então a filosofia comunicação total, não anulando a filosofia anterior, mas trazendo a elas novas possibilidades. Goldfeld (2003) explica que essa filosofia se apoiava as diferentes formas de comunicação, como a fala, os sinais, a leitura labial e alfabeto manual, dando espaço para que os surdos pudessem expressar suas vontades e necessidades, tornando sua comunicação pela via que lhe fosse mais confortável. Contudo, a oralidade continuava ganhando destaque, visto que as pessoas surdas deveriam sempre sinalizar a estrutura da língua portuguesa, o que era chamado de português sinalizado (GOLDFELD, 2003). Assim, a metodologia utilizada, nessa época, para o ensino das pessoas surdas era voltada para toda forma de comunicação, ou seja, o uso da língua oral auditiva, juntamente com a língua de sinais.

Na década 70, na Inglaterra e na Suécia, os educadores de surdos observaram que a comunicação total não estava contribuindo com o processo educacional das pessoas surdas e, portanto, segundo Goldfeld (2003), surge proposta de utilização da língua de sinais de forma independente da língua oral, surgindo então a filosofia do bilinguismo, ganhando adeptos no mundo inteiro.

A proposta de capacitar as pessoas surdas para conseguirem fazer o uso de duas línguas, que seria a língua de sinais e a língua oral dos ouvintes, fundamentou o surgimento de uma nova filosofia educacional para surdos, o bilinguismo. Goldfeld (2003) explica que pressuposto do bilinguismo é que o surdo seja bilíngue, devendo ele adquirir a língua de sinais como sua primeira língua (L1) e a língua oficial de seu país como segunda língua (L2). Além disso, o bilinguismo, adotado atualmente na educação das pessoas surdas, concebe que os surdos têm sua própria língua, de modalidade espaço visual, possuem uma cultura e formam uma comunidade, devendo, portanto, serem respeitados e terem o direito de se comunicarem utilizando sua língua.

A partir desse contexto, é importante destacar os esforços da comunidade surda para terem uma educação bilíngue em que a Libras seja centrada nesse processo educacional.

Algumas conquistas como a Lei da Libras (Lei 10.436/02) e o Decreto (5626/05) são uma das conquistas legais mais importantes que embasam a educação bilíngue para as pessoas surdas. Essas legislações ressaltam a importância de criar um ambiente

linguístico, na qual a aquisição de Libras seja a primeira língua das pessoas surdas, a ser adquirida em tempo hábil e adequado, assim como ocorre com as crianças ouvintes, a fim de garantir uma aprendizagem da língua portuguesa escrita, como segunda língua. Dessa forma, quanto mais cedo for apresentada a língua de sinais as crianças, mais fácil será o processo de aquisição da língua e trata-se também de estimular o desenvolvimento cognitivo e social dessas crianças (QUADROS, 1997).

Nessa perspectiva, a discussão sobre alfabetização e letramento, em português, para crianças surdas, está pautada na filosofia do bilinguismo, levando em consideração a modalidade espaço-visual da língua de sinais.

Antes de apresentar questões relacionadas a alfabetização e ao letramento para crianças surdas apresentaremos uma breve conceituação sobre essa temática, segundo Soares (2003).

Segundo Soares (2003), a alfabetização é o processo de aprendizagem do sistema alfabético e de suas convenções, ou seja, a aprendizagem de um sistema notacional que representa, por grafemas, os fonemas da fala. Diante disso, podemos relatar que se trata do ato da pessoa desenvolver seu domínio de ler e escrever pelo reconhecimento de letras e sílabas. Acerca do letramento, Soares (2003) explica que se trata do desenvolvimento das habilidades que possibilitam ler e escrever de forma adequada e eficiente, nas diversas situações pessoais, sociais e escolares em que precisamos ou queremos ler ou escrever diferentes gêneros e tipos de textos, em diferentes suportes, para diferentes objetivos, em interação com diferentes interlocutores, para diferentes funções. Dito de outro modo, o letramento é o fato de se ter uma compreensão dentro do contexto da leitura e da escrita, de forma que faça sentido para quem se lê.

Godoi (2013) propõe que pelo fato de estarmos numa sociedade letrada, o conhecimento do código linguístico acaba sendo uma obrigação para as interações sociais e não uma questão de opção. Nesse sentido, é importante destacar que por meio da Libras é a língua de comunicação e expressão das crianças surdas, contudo essas precisam desenvolver habilidades para ler e escrever em português como segunda língua. Dito de outro modo, o surdo se comunica através da língua de sinais, e por meio dessa língua que o surdo também tem o processo de ensino e aprendizagem, na qual pode demonstrar suas experiências de mundo, interações e interpretações. Por isso, a

“importância da aquisição o mais precocemente possível da Língua de Sinais, pois esta possibilita evitar atrasos na linguagem, comunicação e pensamento surdo, já que, pelas diferenças linguísticas, o surdo não dominará em sua plenitude a língua portuguesa. (OLIVEIRA; SILVA, 2011, p. 73)

Neste sentido, para que a criança tenha um processo de alfabetização e letramento, em português como segunda língua, é de fundamental importância que as estratégias pedagógicas utilizadas em sala de aula leve em consideração a experiência visual da língua de sinais e as diferenças entre as modalidades linguísticas entre a Libras e o português, como afirma Oliveira e Silva (2011)

Os professores devem propor metodologias que envolvam tanto a linguagem verbal como a não-verbal, propondo resoluções de problemas que sejam compreendidos pelo aluno, dando atenção especial à comunicação visual. (OLIVEIRA; SILVA, 2011, p. 76)

As autoras explicam que um dos problemas enfrentados na alfabetização de crianças surdas encontra-se na tentativa de reproduzir os modelos das aulas de português para alunos ouvintes, tornando-se, a língua portuguesa, como a primeira língua da criança surda.

Mais especificamente sobre a alfabetização e letramento de crianças surdas, Quadros e Schmiedt (2006) apontam caminhos valiosos que deveriam ser utilizados dentro da sala de aula: um é a produção de literatura infantil em sinais e o outro seria o relato de histórias. Segundo as autoras, a interação entre o professor e os alunos surdos, nas produções espontâneas, em língua de sinais é muito importante para que estas, posteriormente, possam compreender os elementos escritos da língua portuguesa. Isso porque, quando os conceitos são explorados em Libras, a transferência de significado e conhecimentos, da Libras, para segunda língua, português escrito, pode ser facilitada.

Outra questão importante apresentada por Quadros e Schmiedt (2006) e que merece atenção é o fato de que a língua de sinais se trata de uma língua espacial-visual e, portanto, precisa ser muito bem explorada, não se atentando somente as mãos, mas também explorar as expressões faciais, a configuração de mão, o movimento do corpo.

Uma outra ferramenta muito rica é a de registrar as produções das crianças e dos adultos também, esse registro se dá por meio de gravações de vídeos em Libras, tendo um cuidado em destacar os sinais. Juntamente com esse registro, é preciso sistematizar a escrita dos sinais, expressando todos os seus aspectos, sendo seu guia na sua alfabetização. Nesse sentido, essas estratégias reforçam que

Quando a criança já registra suas idéias, histórias e reflexões por meio de textos escritos, suas produções servem de base para reflexão sobre as

descobertas do mundo e da própria língua. O professor precisa explorar ao máximo tais descobertas como instrumento de interações sociais e culturais entre colegas, turmas e outras pessoas envolvidas com a criança. (QUADROS; SCHIMIEDT, 2006, p. 31)

Sendo assim, para que a criança surda tenha uma desenvoltura mais assertiva no processo de alfabetização da língua portuguesa, precisa primeiramente ter uma base muito bem construída da sua própria língua de sinais e depois da escrita em português.

Portanto, podemos inferir que para que a alfabetização e o letramento de crianças seja adequada a metodologia deve ser utilizada de forma diferente da abordada com crianças ouvintes, considerando a modalidade espaço-visual da língua de sinais.

### **3 - METODOLOGIA**

A metodologia delineada na presente pesquisa foi bibliográfica com uma abordagem qualitativa. Isso porque a pesquisa qualitativa “busca o entendimento de fenômenos complexos específicos, em profundidade, de natureza social e cultural, mediante descrições, interpretações e comparações, sem considerar os seus aspectos numéricos em termos de regras matemáticas e estatística” (FONTELLES; SIMÕES, 2009, p. 6).

Fontelles e Simões (2009) ainda aponta que a pesquisa bibliográfica tem como base a análise de materiais já publicados, como artigos científicos, teses e dissertações. Compondo assim a fundamentação teórica, por meio da análise e avaliação dos dados encontrados. Fornecendo todo respaldo necessário para todo o processo de pesquisa, ajudando na escolha do tema, a pergunta problematizadora, nos objetivos, na fundamentação e justificativa do trabalho.

Inicialmente realizamos uma busca nos sites que divulgam resultados de trabalhos científicos sobre a temática: Scielo, Google acadêmico e CAPES, utilizando as seguintes palavras-chaves: surdos, letramento, alfabetização, português e as práticas de alfabetização. As buscas realizadas foram entre os anos de 2006 a 2022, já que somente a partir do Decreto 5626/05 iniciou-se a obrigatoriedade do uso da Libras no ambiente escolar, bem como a oferta da educação bilíngue e do reconhecimento da Libras como primeira língua e do português escrito como segunda língua.

Após busca e pesquisa nos sites apresentados anteriormente, identificamos 16 trabalhos científicos que tratavam sobre a temática da alfabetização e letramento, em

português como segunda língua para crianças surdas. Os trabalhos seguem listados na tabela abaixo.

	<b>Documentos</b>	<b>Autores(as)</b>	<b>Ano de publicação</b>
1	Práticas de Letramento em Contextos de Educação Bilíngue para Surdos	Sueli Fernandes	2006
2	O bilinguismo como proposta educacional para crianças surdas	Cristiane Kubaski e Violeta Porto Morais	2009
3	Alfabetização e letramento: o aprendizado da língua portuguesa por sujeitos surdos	Maria Teresa Abrahao de Araújo	2010
4	O processo de alfabetização e letramento da pessoa surda	Reija Aparecida de Oliveira Elaine da Silva	2011
5	As principais metodologias utilizadas na educação dos surdos no Brasil	Patricia Kalatai Eliziane Manosso Streiechen	2012
6	O ensino de português como segunda língua para surdos: princípios teóricos e metodológicos	Maria Cristina da Cunha Pereira	2014
7	O ensino do português como segunda língua para surdos, estratégias didáticas	Djair Lázaro de Almeida Gláucia Ferreira Dias dos Santos Cristina Broglia Feitosa de Lacerda	2015
8	A Proposta bilíngue na educação de surdos: práticas pedagógicas no processo e alfabetização	Marcia Cristina Fernandes Moret Juliana Negrello Rossarolla João Guilherme Rodrigues Mendonça	2017
9	Práticas pedagógicas na educação de surdos e entrelaçamento das abordagens no contexto escolar	Claudia Regina Vieira Karina Soledad Maldonado Molina	2018
10	O processo de alfabetização e letramento dos surdos	Rayssa da Conceição Brito de Souza	2020
11	A utilização da Libras como agente facilitador na educação no município de Itaperuna-RJ.	Edeson dos Anjos Silva, Paulo Jonas dos Santos Junior, Geisa Hupp Fernandes Lacerda, Silvana Duarte Gonçalves dos Santos	2020
12	As guerras do ensino da leitura: um olhar a partir da epistemologia surda.	Marília Uchôa Cavalcanti Lott de Moraes Costa Lia Abrantes Antunes Soares Daniela Cid de Garcia Kátia Nazareth Moura de Abreu	2020
13	Alfabetização e letramento de surdos: Uma ênfase na língua brasileira de sinais	Maritania dos Santos Padilha Ana Paula Almeida Ferreira Jackson Ronie Sá-Silva Márcia Raika e Silva Lima	2021
14	Alfabetização e letramento: desafios e possibilidades na	Daniela de Fátima Barbosa Gonzalez	2022

	prática pedagógica no ensino bilíngue de surdos		
15	Alfabetização e letramento de alunos surdos	Gleison Rocha Fabian Ezer W. Gomes Lima	2022
16	Crianças surdas e experiências com a palavra escrita	Roseane Aparecida Favoreto da Silva Alessandra Gotuzo Seabra	2022

**TABELA 1 - Trabalhos científicos identificados nos sites Google Acadêmico, Scielo e CAPES no período de 2006 a 2022**

Em seguida, realizamos a leitura dos 16 trabalhos científicos através da busca pelos sites de pesquisa com palavras chaves (surdos, letramento, alfabetização, português e as práticas de alfabetização) e selecionamos assim para análises aqueles que apresentavam estratégias didáticas/pedagógicas para a alfabetização e letramento, em português como segunda língua para crianças surdas, mas vale ressaltar que muitos artigos embora o título ou o resumo mostrava que continha estratégia, no trabalho em si não apresentava nenhuma estratégia. Com isso foram identificados 16 trabalhos, selecionamos 6 para análise, a saber: (1) Alfabetização e letramento: o aprendizado da língua portuguesa por sujeitos surdos (2010); (2) O ensino de português como segunda língua para surdos: princípios teóricos e metodológicos (2014); (3) O ensino do português como segunda língua para surdos, estratégias didáticas (2015); (4) Prática pedagógica na educação de surdos: o entrelaçamento das abordagens no contexto escolar (2018); (5) A utilização da libras como agente facilitador na educação no município de Itaperuna-RJ (2019); (6) Crianças surdas e experiências com a palavra escrita (2022). Mas vale ressaltar aqui que o segundo trabalho não apresenta estratégias em si mas, contém conclusões de suma importância de o porque não tem algumas estratégias.

#### **4 - DESCRIÇÃO DOS DADOS E ANÁLISES**

A seguir apresentaremos as 6 pesquisas com resultados práticos e possíveis estratégias para a alfabetização e letramento de crianças surdas.

O primeiro trabalho que descreveremos será a de Araújo (2010), intitulado: “Alfabetização e letramento: o aprendizado da língua portuguesa por sujeitos surdos”. A dissertação teve como objetivo coletar informações acerca do aluno surdo incluído na escola regular. Dessa forma, a pesquisadora buscou analisar e compreender, na prática, como ocorria o desempenho da leitura e da escrita, em língua portuguesa, por estudantes

surdos. Para isso, Araújo (2010) realizou uma pesquisa qualitativa com estudo de campo, aplicando um instrumento de avaliação adaptado, da Secretaria Estadual de Ensino de Minas Gerais (SEE/MG), aos alunos da Fase I do Ciclo de Alfabetização. O instrumento de avaliação era composto por um único caderno, contendo 13 (treze) questões adaptadas. Essas questões foram aplicadas em 2 (duas) turmas, a saber: uma turma de estudantes surdos concluintes do Ensino Fundamental e outra com alunos surdos concluintes do Ensino Médio, de uma escola municipal de Belo Horizonte / Minas Gerais. Araújo (2010) ressalta que pelo fato de as crianças surdas apresentarem um reconhecimento linguístico do português, considerado sua segunda língua, de forma tardia, o instrumento de avaliação adaptado e aplicado foi do Ciclo I da Alfabetização.

Os resultados desta pesquisa evidenciam que os estudantes surdos conseguiram fazer o reconhecimento de números, palavras em português e seus significados em Libras. Contudo, quando as palavras eram divididas em sílabas, estes apresentavam um alto teor de dificuldade. Nas análises, Araújo (2010) demonstra que em relação à codificação e decodificação das palavras, os estudantes se sobressaíam, mas apresentam dificuldade quanto à habilidade de compreensão, pois os estudantes, ao lerem os textos voltam sua atenção para o reconhecimento das palavras e frases e não para a compreensão global do texto. Além disso, a autora também relata que, apesar dos dois grupos não apresentarem diferenças, entre eles, na habilidade de codificação e decodificação, foi possível observar uma diferença entre os informantes do Ensino Médio e Ensino Fundamental, quanto à compreensão e uso dos gêneros textuais. Isso porque os estudantes do Ensino Médio demonstraram mais domínio dos gêneros textuais em comparação aos do Ensino Fundamental.

Nesse sentido, a pesquisa de Araújo (2010) revela duas estratégias interessantes para a alfabetização e letramento de crianças surdas. A primeira é o ensino de palavras completas sem repartições silábicas, já que os estudantes surdos não conseguem fazer uma junção silábica devido à sua relação linguística e de canal perceptual (espaço-visual). Dessa forma, trabalhar diferentes palavras considerando o campo semântico em que elas estão inseridas, por exemplo, palavras inseridas no campo semântico da higiene, trabalho, entre outras, parece ser uma estratégia significativa para a aprendizagem da leitura e da escrita, em português como segunda língua. Outra estratégia didática que pode ser explorada no processo de alfabetização e letramento de

alunos surdos é a apresentação de diferentes gêneros textuais, em português, que circulam socialmente.

O segundo trabalho descrito e analisado é o de Pereira (2014), intitulado: “O ensino de português como segunda língua para surdos: princípios teóricos e metodológicos”. O intuito da pesquisa foi discutir como a língua portuguesa tem sido ministrada para alunos surdos e qual a metodologia de ensino adotada e os seus efeitos na leitura e na escrita destes estudantes. A metodologia utilizada nesse trabalho foi quantitativa, com estudo de campo. Primeiro, Pereira (2014, p.151), “para ilustrar os efeitos da adoção da proposta de ensino da Língua Portuguesa como segunda língua numa concepção discursivo-interacionista e tendo a Língua de Sinais Brasileira como primeira língua”, selecionou produções escritas de dois alunos surdos do 6º ano do ensino fundamental, para análise. Um participante da pesquisa era surdo, filho de pais ouvintes e chegou na escola sem nenhuma língua adquirida, mas com a exposição à Libras na escola, o estudante adquiriu esta língua rapidamente. Já o outro participante é surdo, filho de pais ouvintes e tem uma irmã surda com quem se comunica em Libras.

Após análise das produções escritas dos participantes da pesquisa, Pereira (2014) explica que, embora fosse notória a aprendizagem da língua portuguesa pelos estudantes surdos, estes apresentavam dificuldade em relação às características específicas da língua portuguesa, como, por exemplo, no vocabulário e na estrutura sintática, isso porque o português trata-se de uma língua oral auditiva. Nesse sentido, ao comparar o nível de língua portuguesa dos alunos surdos em relação aos ouvintes, Pereira (2014) demonstra que os alunos surdos estão aquém em relação à leitura e à escrita de alunos ouvintes, na mesma série. A autora ressalta que, na maioria das vezes, a criança surda chega na escola sem adquirir língua de sinais e, sendo assim, chegam com mais atraso em relação às crianças ouvintes que já têm uma língua materna para se comunicar. Com isso, Pereira (2014) conclui que quando as crianças surdas são expostas a textos da língua portuguesa, por meio da língua de sinais, estas atribuem sentidos no que leem e escrevem, já que transferem o seu conhecimento de mundo da primeira língua para a segunda língua.

Diante a toda pesquisa realizada por Pereira (2014) é possível observar que quanto mais cedo a aquisição da Libras e a inserção da criança surda no ambiente escolar, com metodologia adequada para o ensino do português, mais fácil e rápido será seu aprendizado da leitura e da escrita da língua portuguesa.

No artigo “O ensino do português como segunda língua para surdos, estratégias didáticas”, Almeida, Santos e Lacerda (2015) têm como objetivo apresentar propostas pedagógicas para o ensino do português escrito como segunda língua, por meio da Libras. Assim, apoiadas numa abordagem dialética, as autoras propuseram oficinas pedagógicas de ensino da escrita do português e, após gravações das oficinas, os vídeos foram analisados

[...]a partir da categorização dos encontros, separados de acordo com cada objetivo pedagógico principal, estratégias utilizadas e atividades desenvolvidas, que poderiam durar mais de um encontro. Em seguida, foram escolhidas atividades, dentro das categorias estabelecidas, para exemplificar as estratégias pedagógicas utilizadas. Tendo em vista que as estratégias pedagógicas se manifestavam no conjunto do desenvolvimento da atividade, optou-se por trazer uma descrição sistematizada delas, e não a transcrição de um trecho[...] (ALMEIDA, SANTOS; LACERDA, 2015, p.42).

Almeida, Santos e Lacerda (2015) concluem, em seu artigo, a necessidade de aquisição da Libras, o mais breve possível, pois essa aquisição pode ser facilitadora na aprendizagem do português escrito. Eles apontam que é muito importante que os surdos aprendam a língua e a escrita dessa língua do ambiente em que se está inserido, mais que isso só acontece quando a língua de sinais está presente e fluida e quando a espaço para socialização entre sua comunidade surda. Essas questões devem ser apresentadas por um professor que domine bem as duas línguas e que saiba fazer o uso adequado de recursos visuais que possam chamar a atenção e facilitar a compreensão do aluno surdo.

Dessa forma, podemos observar que, sem a primeira língua, língua de sinais, é mais complexo aprender uma segunda língua de modalidade diferente. Isso porque a construção de significado e conceitos no processo de aquisição da primeira língua pode facilitar a transferência de conhecimentos para a segunda língua.

O quarto artigo analisado foi “Prática pedagógica na educação de surdos: o entrelaçamento das abordagens no contexto escolar”, de Vieira e Molina (2018). Nesse trabalho, as autoras propõem uma reflexão sobre a importância do bilinguismo na educação das pessoas surdas, apontando as metodologias e filosofias educacionais ainda adotadas para o ensino em sala de aula. Para as análises e reflexões, elas dispuseram de uma metodologia com base em pesquisas bibliográficas e de campo, realizadas por meio de coletas de atividades aplicadas dentro de sala de aula.

Vieira e Molina (2018) analisam o contexto histórico das filosofias educacionais: oralismo, comunicação total e bilinguismo, juntamente com as atividades realizadas em

sala. Dessa forma, as autoras apresentam as marcas educativas que cada abordagem trouxe e ainda traz para o ensino das crianças surdas. Segundo elas,

Oralismo como abordagem educacional prioriza a fala e todo o trabalho elaborado visa à reabilitação de surdos, ou seja, torná-los próximos aos ouvintes. Nessa concepção, era e é necessário fazê-los falar como se fossem ouvintes, ainda que sem a mesma fluência e/ou entonação, para que, a partir daí, sejam ensinados. (VIEIRA; MOLINA, 2018, p. 3).

Já a comunicação total apareceu no cenário educacional como alternativa para substituir o oralismo. “A ideia central dessa abordagem é permitir o uso de sinais, ainda sem caráter de língua, e de todo e qualquer recurso que permitisse uma comunicação com os estudantes.” (VIEIRA; MOLINA, 2018, p. 9).

Por fim, as autoras apresentam a filosofia do bilinguismo que seria “[...] como alternativa para educação dos surdos, reconhecendo a Língua de Sinais como aquela que é a primeira língua dos surdos. Essa abordagem vai lidar com duas línguas de modalidade. [...]” (VIEIRA; MOLINA, 2018, p. 15).

Por meio das análises sobre as filosofias educacionais, utilizadas atualmente no ensino de português para crianças surdas, Vieira e Molina (2018) explicam que as abordagens do oralismo e da comunicação total ainda podem ser encontradas na educação das pessoas surdas e talvez essas estejam sendo apresentadas com outros nomes, ou somente estejam sendo usadas como tentativas de práticas pedagógica.

Por meio dessa pesquisa de Vieira e Molina (2018), podemos inferir que a melhor metodologia e filosofia a ser adotada no ensino dos alunos surdos é aquela que leve em consideração a cultura surda, a modalidade espaço visual da língua de sinais, o ensino de português como segunda língua e não como língua materna. Dessa forma, o bilinguismo é a metodologia mais positiva na educação de alunos surdos.

A quinta pesquisa, selecionada a presente análise é a de Júnior, Lacerda e Santos (2019), intitulada: “A utilização da Libras como agente facilitador na educação no município de Itaperuna-RJ”. O objetivo desta pesquisa foi refletir sobre o papel da Libras como elo na construção do conhecimento do aluno surdo, a partir da interrelação entre com o professor regente e o intérprete, na escola inclusiva.

Assim, a metodologia adotada foi pesquisa de campo. Os dados foram obtidos por meio de um questionário semiestruturado, composto por 15 perguntas, envolvendo todos os professores regentes, intérpretes e alunos surdos da rede de escolas municipais de Itaperuna-Rio de Janeiro, nos ensinos fundamentais I e II.

Após análises das respostas e dados, Silva, Junior, Lacerda e Santos (2019) concluíram que poucos professores regentes sabiam Libras e, quando sabiam, tinham apenas um curso básico de Libras. Além disso, a falta de conhecimento da Libras e suas especificidades levavam os professores a não compreenderem, com clareza, o papel do Tradutor e Intérprete de Libras em sala de aula. Isso porque muitos docentes consideram, ainda hoje, estes profissionais como ajudantes dos alunos surdos e não como mediadores da comunicação entre surdos e ouvintes e vice-versa.

A partir desses resultados podemos inferir que a educação inclusiva não atende de forma satisfatória às especificidades linguísticas, identitárias e culturais das crianças surdas, já que a Libras e o ensino voltado para conteúdos acessíveis visualmente não são ofertados aos estudantes surdos. Além disso, podemos inferir que, sem uma formação adequada, os professores, muitas vezes, não estão aptos para trabalhar a alfabetização e o letramento em português com os alunos surdos dentro de sala de aula.

Já a última pesquisa que descreveremos e analisaremos será a de Silva e Seabra (2022). Nessa pesquisa intitulada “Crianças surdas e experiências com a palavra escrita”, Silva e Seabra (2022) teve como objetivo uma investigação sobre o processo de apropriação da língua portuguesa escrita por crianças surdas, sinalizando Libras. Dessa forma, as autoras buscaram descrever e analisar as produções e atividades conduzidas pelas mesmas durante a pesquisa. A atividade desenvolvida foi uma contação de história em Libras e, em seguida, as crianças tinham que escrever palavras, textos, criar personagens e desenhar. Além disso, também foram realizadas entrevistas em Libras gravadas em vídeos que depois foram escritas em português. A metodologia da pesquisa foi quantitativa com entrevista e estudo de campo.

Para alcançar os objetivos da pesquisa,

Participaram seis colaboradores que cursavam a Educação Infantil e os anos iniciais do Ensino Fundamental em uma escola de surdos. Foram utilizadas entrevistas e atividades realizadas a partir da contação de uma história em Libras. Nessas atividades, as crianças escreveram palavras, textos, completaram histórias, criaram personagens e fizeram desenhos. As entrevistas, realizadas em Libras, foram gravadas em vídeo, traduzidas e textualizadas na língua portuguesa escrita. (SILVA; SEABRA, 2022, p 1).

Diante disso, os testes de Silva e Seabra (2022) mostram que tanto as crianças surdas quanto as ouvintes têm um desenvolvimento e fases de aquisição da linguagem de forma similar até chegar na fase escolarização e alfabetização em português em que

as crianças começam a relacionar o som com a grafia das palavras. Contudo, a partir daí é possível observar que as crianças surdas buscam mecanismos e pistas visuais para o desenvolvimento da escrita em português, já que a sua primeira língua é espaço-visual e estas não conseguem relacionar grafemas à fonemas.

Após a análise do artigo de Seabra (2022) podemos dizer que a criança surda não tem como desenvolver sua aprendizagem de leitura e escrita em português, por meio de metodologias com abordagem fonológicas da língua. Assim, uma das estratégias relatadas pelas autoras seria a utilização de recursos visuais para a facilitação da alfabetização e letramentos das crianças surdas.

A partir das análises realizadas é possível identificar algumas estratégias didática extremamente importantes, a serem utilizadas no processo de alfabetização das crianças surdas, a saber: (i) ensino de palavras, dentro de um determinado campo semântico; (ii) a importância da aquisição da Libras para a aprendizagem do português como segunda língua; (iii) uso da língua de sinais no processo da alfabetização; (iv) metodologia de ensino do português como segunda língua e não como ensino de língua materna, como acontece nas escolas inclusivas; (v) uso dos gêneros textuais no processo de ensino da escrita e da leitura em português.

## **5 - CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A nossa pesquisa teve como intuito apresentar as práticas utilizadas na alfabetização e no letramento, em português como segunda língua para crianças surdas, a partir das especificidades deste público. Assim, discutimos sobre a importância da aquisição da Libras, desde cedo, pelas crianças surdas e como essa aquisição pode impactar no processo de alfabetização e letramento em português como segunda língua.

A partir disso, buscamos identificar as metodologias e práticas realizadas, em sala de aula, para crianças surdas, assim, pudemos constatar que infelizmente essa temática carece de mais pesquisas e estudos. Por isso, selecionamos trabalhos científicos que divulgaram resultados de práticas em sala de aula e que continham dados do processo de alfabetização em segunda língua para surdos. Através da busca desses trabalhos científicos podemos pontuar que a aquisição tardia da Libras para criança surda pode atrapalhar bastante seu processo de alfabetização e letramento, em português, visto que estas podem chegar ao ambiente escolar sem uma primeira língua,

tendo acesso direto à uma segunda língua. Vale ressaltar que a aprendizagem da segunda língua pressupõe a aquisição de uma primeira língua.

Outro grande fator que observamos também em nossas análises é a falta de professores capacitados e fluentes em Libras para atender a comunidade surda. É importante destacar que somente a presença do intérprete de Libras dentro da sala de aula não garante uma educação bilíngue e estratégias de ensino adequadas, visto que o papel desse profissional é apenas interpretação da Libras para o português e vice-versa.

Vimos também que os métodos para alfabetizar e letrar crianças surdas, em português, devem ser diferentes das crianças ouvintes, ou seja, para crianças ouvintes podem ser utilizado um método fônico, por exemplo, já para as crianças surdas é importante utilizar um método que contemple uma alfabetização mais visual.

Concluimos, então, que para que esse processo aconteça de forma positiva nas crianças surdas é necessário que seja feito por meio da Língua de Sinais Brasileira, dando prioridade a ela para que a mediação do ensino do português ocorra, é importante se atentar a metodologias mais visuais de uma forma mais respeitosa a cultura surda.

Por fim, entendemos que se faz necessário que as escolas e educadores se atentem em perceber de fato que as metodologias de ensino das crianças surdas para os ouvintes precisam ser diferentes para se obter um ensino de qualidade. Seria de grande valia que o documento norteador sobre a alfabetização de crianças surdas nas escolas ganhassem mais destaque, que os cursos de formação intensifiquem a importância da Libras e que a formação continuada também tivesse esse cuidado, garantindo que as informações corretas chegassem a todos educadores e que realmente fosse garantida de forma adequada pelo governo.

## **6 – REFERÊNCIAS**

ARAÚJO, Maria Teresa Abrahao. **Alfabetização e letramento: o aprendizado da língua portuguesa por sujeitos surdos.** 2010.

BRASIL. Decreto no 5.626, de 22 de dezembro de 2005. Regulamenta a Lei no 10.436, de 24 de abril de 2002, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras, e o art. 18 da Lei no 10.098, de 19 de dezembro de 2000. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 23 dez. 2005. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2004-2006/2005/decreto/d5626.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2005/decreto/d5626.htm)>.

BRITO, Ana Paula Gonçalves; DE OLIVEIRA, Guilherme Saramago; DA SILVA, Brunna Alves. **A importância da pesquisa bibliográfica no desenvolvimento de pesquisas qualitativas na área de educação.** Cadernos da FUCAMP, v. 20, n. 44, 2021.

DOS ANJOS SILVA, Edeson et al. **A UTILIZAÇÃO DA LIBRAS COMO AGENTE FACILITADOR NA EDUCAÇÃO NO MUNICÍPIO DE ITAPERUNA-RJ.** Revista Transformar, v. 14, n. 1, p. 106-125, 2020.

FERNANDES, Sueli. **Práticas de letramento na educação bilíngue para surdos.** Curitiba SEED/SUED/DEE 2006.

GOLDFELD, Marcia. **A criança surda: linguagem e cognição numa perspectiva sociointeracionista.** Plexus Editora, 1997.

GONZALES, Daniela de Fátima Barbosa. **Alfabetização e letramento: desafios e possibilidades na prática pedagógica no ensino bilíngue de surdos.** 2022.

KALATAI, Patricia; STREIECHEN, Eliziane Manosso. **As principais metodologias utilizadas na educação dos surdos no Brasil.** Irati, PR: Univerisidade Estadual do Centro-Oeste de Irati, 2012.

KUBASKI, Cristiane; MORAES, Violeta Porto. O bilingüismo como proposta educacional para crianças surdas. In: **IX Congresso Nacional de Educação–EDUCERE. III Encontro Sul Brasileiro de Psicopedagogia.** 2009. p. 3413-3419.

LIMA, Ezer Wellington Gomes et al.. **Alfabetização e letramento de alunos surdos.** VII CONEDU - Conedu em Casa... Campina Grande: Realize Editora, 2021.

MORAES, Marília Uchôa Cavalcanti Lott et al. **As guerras do ensino da leitura: um olhar a partir da epistemologia surda.** Revista Espaço, p. 127-151, 2020.

MORET, Márcia Cristina Florencio Fernandes; ROSSAROLLA, Juliana Negrello; MENDONÇA, João Guilherme Rodrigues. **A proposta bilíngue na educação de surdos: práticas pedagógicas no processo de alfabetização.** Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação, p. 1792-1801, 2017.

OLIVEIRA, Reija Aparecida; DA SILVA, Elaine. **O processo de alfabetização e letramento do surdo.** Trama, v. 7, n. 14, p. 69-80, 2011.

PADILHA, MARITANIA DOS SANTOS et al. **Alfabetização e letramento de surdos: uma ênfase na Língua Brasileira de Sinais.** Revista Teias de Conhecimento, p. 222-241, 2021.

PEREIRA, Maria Cristina da Cunha. **O ensino de português como segunda língua para surdos: princípios teóricos e metodológicos.** Educar em Revista, 2014.

QUADROS, Ronice Müller; SCHMIEDT, Magali LP. **Ideias para ensinar português para alunos surdos.** Brasília: Mec, SEESP, 2006.

SANTOS, Glaucia Ferreira Dias dos; LACERDA, Cristina Broglia Feitosa de; ALMEIDA, Djair Lázaro de. **O ensino do português como segunda língua para surdos: estratégias didáticas.** Reflexão e Ação, 2015.

SILVA, Roseane Aparecida Favoreto da; SEABRA, Alessandra Gotuzo. **Crianças surdas e experiências com a palavra escrita.** Educação e Pesquisa, v. 48, 2022.

SOARES, Magda. **Letramento-um tema em três gêneros.** Autêntica, 2018.

SOUZA, Rayssa da Conceição Brito; COSTA, Rildo. **O processo de alfabetização e letramento dos surdos.** Brazilian Journal of Development, v. 6, n. 9, p. 68543-68555, 2020.

VIEIRA, Claudia Regina; MOLINA, Karina Soledad Maldonado. **Prática pedagógica na educação de surdos: o entrelaçamento das abordagens no contexto escolar.** Educação e Pesquisa, v. 44, 2018.